



Termos^E CONDIÇÕES

BILIONÁRIOS DO PARQUE DREAMLAND

LAUREN ASHER

MARCADOR

info@marcador.pt
www.presenca.pt/collections/marcador
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2023

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.
Estrada das Palmeiras, 59
Quecluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2022. TERMS AND CONDITIONS por Lauren Asher
Os direitos morais da autora estão certificados.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Terms and Conditions (Dreamland Billionaires #2)*

Autora: Lauren Asher

Tradução: Sofia Ribeiro

Revisão: Ruben Crasto/Editorial Presença

Design da capa: Books and Moods (Mary)

Ilustrações do miolo © kamenuka/Adobe Stock

Paginação e arranjo de capa: Gráfica 99, Lda.

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 524 454/23

1.ª edição, Lisboa, junho, 2023

Playlist



- The Man** — The Killers ♥
- I am not a woman, I'm a god** — Halsey ♥
- If I Ever Feel Better** — Phoenix ♥
- Glitter** — BENEE ♥
- Enemy** — Imagine Dragons, JID & League of Legends ♥
- Wicked Games** — Kiana Ledé ♥
- Fallen Star** — The Neighborhood ♥
- Altar** — Kehlani ♥
- Slow Dancing In a Burning Room** — John Mayer ♥
- Trip** — Ella Mai ♥
- Shivers** — Ed Sheeran ♥
- Angels Like You** — Miley Cyrus ♥
- Animal** — Neon Trees ♥
- Unlearn** — Benny Blanco & Gracie Abrams ♥
- Earned It** — The Weeknd ♥
- Safety net** — Ariana Grande ft. Ty Dolla \$ign ♥
- Iris** — The Goo Goo Dolls ♥
- Daylight** — Taylor Swift ♥
- Someone To Stay** — Vancouver Sleep Clinic ♥
- Great Ones** — Maren Morris ♥
- Marry Me** — Train ♥
- Paper Rings** — Taylor Swift ♥

*A todos os que travam uma batalha invisível.
Eu vejo-os.*

CAPÍTULO UM

Iris



— **É** um crime celebrares um dia como o de hoje sozinha — interrompe-me o Cal, o meu melhor amigo e irmão do chefe.

Apesar do estado amarrotado do seu fato e do cabelo louro-sujo, prende a atenção de várias empregadas que passam pela nossa mesa.

Bloqueio o telemóvel e mostro um sorriso.

— Não sou eu que me vou casar.

Passa os olhos rapidamente pelo meu rosto.

— Não, mas és a manipuladora-mor que conseguiu o impossível.

— Não foi assim tão mau.

— Agora sei que se passa alguma coisa contigo. Estás... triste por o Declan se ir casar? — A sua voz fica mais baixa do que o habitual.

Uma gargalhada explode de mim.

— O quê? *Não*.

— Então, o que se passa?

Deixo pender a cabeça e alguns cachos de caracóis caem-me para a frente dos olhos. Passo a mão pelo meu vestido para alisar uns vincos inexistentes.

O jovial tecido cor de lavanda sobressai na minha pele castanha, fazendo-me parecer muito mais feliz do que me sinto.

— Acabei de receber um *e-mail* a dizer que não consegui o trabalho.

— Merda. Lamento ouvir isso. Sei o quanto trabalhaste na apresentação para a entrevista.

Depois dos meses que passei a trabalhar numa apresentação para o departamento de Recursos Humanos da Kane Company, rejeitaram a minha transferência de emprego. Custa-me mais do que devia. Embora eu não estivesse propriamente a almejar demasiado alto com uma posição de entrada nos Recursos Humanos, tinha uma boa ideia com um futuro promissor. Uma ideia que poderia beneficiar inúmeros disléxicos presos numa rotina corporativa. O meu plano poderia fazer a empresa subir de patamar, caso me dessem uma oportunidade.

Podes tentar novamente da próxima vez.

O meu sorriso fraqueja.

— É porque não tinha de ser, acho eu.

— Se queres a minha opinião, isso é uma treta.

Dou uma gargalhada.

— É verdade. Pelo menos o Declan nunca descobriu. Estás a imaginar se eu lhe tivesse contado e depois nem sequer conseguisse o emprego? Ele nunca me deixaria esquecer isso.

— É verdade que tem tendência a gabar-se.

— Daí a festa. — Aponto para o gigantesco balão em arco com um sorriso enorme.

O Cal ergue uma sobrancelha para o cintilante sinal de néon *Ela Disse Sim*.

— Discreto. Ele vai adorar.

Bato as pestanas com falsa doçura.

— Eu limitei-me a planear uma festa como ele me pediu. Ele deveria ter sido mais específico sobre que tipo de evento queria.

— Lembra-me de nunca te irritar.

— Tenho todo um plano para o dia em que isso acontecer.

O Cal faz um tremor falso.

— Onde está a futura esposa?

— O Declan queria encontrar-se com ela antes do anúncio.

Ele arregala os olhos.

— Por que raio é que o deixaste fazer isso?
— Hum... porque ele ainda não a conheceu?
— Exatamente! É por isso que é uma péssima ideia! — O Cal passa as mãos pelas espessas ondas do cabelo.
— Achas que ele vai fazê-la mudar de ideias?
— Conhecendo o meu irmão, não seria preciso muito para a convencer.
— Ela assinou um contrato. O negócio está feito.
— Se tu o dizes... — Encolhe os ombros.
— Se calhar eu devia ir ver como eles estão. — Viro-me para os elevadores. O Cal enfia o braço no meu.
— Não, vais tirar a noite de folga.
— Mas...
— Provavelmente tens razão. O Declan não arriscaria perder tudo agora ao fazer uma estupidez. Até ele sabe quando se deve conter.
— Agora sei que estás a mentir.
Ele dá uma risadinha.
— Vá lá. Vamos entrar e esperar pelo Declan. Pensa só no esforço que ele vai fazer para não ficar de cara feia e, mesmo assim, não vai conseguir. Caraças, acho que não o vejo a olhar para ninguém sem ser desdenhoso, desde... — Interrompe-se.
— Desde?
Ele evita olhar-me nos olhos.
— Desde sempre. Tenho a certeza de que tem a pila num estado de irritação permanente por bater punhetas todas as noites.
Bato-lhe no ombro com uma gargalhada.
— Está calado! Ele é meu *chefe*.
— Isso não faz com que seja menos verdade. Espanta-me que o dito apêndice não tenha caído, com esse tipo de abuso.
Solto outra risadinha.
— *Callahan* — ressoa a voz do Declan.
Alguns retardatários correm para dentro do salão de baile ao som da voz do Declan.
— Lá que sabe esvaziar uma sala, sabe — diz o Cal.
Qualquer felicidade que eu tenha visto nos olhos do Cal morre no momento em que o Declan se detém junto de nós de sobrolho carregado. O ar transforma-

-se em algo frio, com o olhar gelado do Declan a ameaçar reverter as alterações climáticas. O seu corpo maciço bloqueia a minha visão de todo o átrio. O holofote atrás dele serve apenas para destacar a precisão das suas feições, salientando o escuro dos seus olhos e os contornos do maxilar.

Comparado com a aparência de menino de ouro do Cal, com o cabelo louro e os olhos azuis, o Declan faz-me pensar na parte mais profunda do oceano — frio, escuro, e de um silêncio enervante. Como um monstro à espreita a curta distância, prestes a fazer de alguém sua presa. Do cabelo escuro à careta permanente gravada no rosto, transmite uma sensação que leva todos a virarem-se na direção contrária.

Bem, todos, exceto eu. Há quem diga que conquistou a minha lealdade com um salário, mas não é assim. Partilhamos um respeito mútuo que resistiu à passagem do tempo. Embora os nossos primeiros meses a trabalhar juntos tenham sido difíceis, o meu empenho em ser bem-sucedida como sua assistente ajudou a estabelecer os alicerces da nossa relação atual.

Fazemos clique, de alguma forma, embora sejamos o oposto um do outro em quase todos os sentidos. Sou uma mulher negra. Ele é um homem branco. Eu sorrio e ele faz cara feia. Ele acorda cedo todas as manhãs para fazer exercício físico, ao passo que, a mim, nem morta me apanhavam no ginásio, a não ser que fosse para ir buscar um *smoothie* ao café. Não podíamos ser mais diferentes, mas fazemos com que funcione. Pelo menos *eu* faço.

Coloco-me entre os dois irmãos.

— Declan, que estás aqui a fazer? Já está na hora do anúncio?

O Declan arrasta os olhos para longe do Cal e baixa-os para mim. A maior parte das pessoas encolhe-se sob o seu olhar, mas eu endireito a coluna e olho para ele de frente, como a minha avozinha me ensinou.

— Ela desistiu.

Pestanejo.

— Quem desistiu? A organizadora de casamentos?

— Não. A noiva. A Belinda.

— A Bethany desistiu?!

O Cal tem a ousadia de se mostrar pedante.

O Declan não se dá ao trabalho de desviar os olhos do meu rosto ao detonar todos os meus planos cuidadosamente elaborados.

— Sim. Ela.

— Isto não pode estar a acontecer.

Recuso-me a acreditar que ele arruinou meses de trabalho árduo da minha parte. Encontrar uma mulher disposta a casar e a ter um filho com ele para que o Declan pudesse tornar-se CEO e receber a sua herança era quase impossível.

Recusar acreditar não muda os factos.

— Detesto ter de ser eu a dizer-te que te avisei... — diz o Cal.

— Isto é tudo culpa tua. — Fulmino-o com o olhar.

O Cal levanta as duas mãos no ar.

— Não! Não tenho culpa que o meu irmão tenha uma arrogância maior do que a pila.

O Declan dá um carolo na nuca do Cal. Ignoro a zanga dos dois enquanto ando de um lado para o outro na tapete, circulando em torno deles.

— Devias ter fugido para casar enquanto tiveste oportunidade para isso.

— O Cal esvazia o copo antes de me roubar a flute meio acabada.

— Falas por experiência própria?

As narinas do Cal dilatam-se. Cerra os punhos ao lado do corpo, depois respira fundo e deixa a raiva diluir-se e abandoná-lo. Vira a sua atenção para mim.

— Foi por isso que o meu avô começou por fazer aquela cláusula da herança. Ele sabia que o Declan não estava preparado para se tornar CEO e achava que uma família poderia torná-lo mais brando. Quero dizer, como pode uma pessoa como ele inspirar as massas quando procura sempre destruir todos à sua volta?

O Declan cerra o maxilar. O Cal ergue uma sobrancelha numa provocação muda.

Aponto o dedo ao Cal.

— Para de agir como uma criança e usa esse teu grande cérebro para nos ajudar a sair desta trapalhada. — O Declan já tem os olhos postos em mim quando me viro para ele. — E tu para de despejar essa tua raiva em cima de todos. As tuas trapalhadas não têm nada que ver com o Cal, só *contigo*.

Ele limita-se a olhar-me com aquele olhar vazio que eu odeio mais do que tudo.

O Cal troça:

— Claro que ele deu cabo de tudo. A sua última atualização de *software* não incluía um manual sobre como ser um ser humano decente.

— Vocês são um caso perdido — resmungo entre dentes enquanto pego no telemóvel e marco o número da Bethany. Toca duas vezes antes de ir para o correio de voz. Ligo de novo, mas desta vez vai diretamente para lá.

— Merda!

— Não atende? — O Cal tem a audácia de fazer um tom de voz divertido.

— O que fizeste? — digo, sibilando, na direção do Declan.

O Declan puxa um fio invisível da manga do casaco como se esta fosse a conversa mais chata do seu dia.

— Ela não era a pessoa indicada para a função.

— E o que queres que eu faça com essa informação, tendo em conta que temos uma centena de pessoas à espera para ouvir a notícia do teu noivado com uma mulher misteriosa? Sou toda ouvidos.

Ele olha-me com os olhos estreitados e eu retribuo o olhar fulminante de mãos nas ancas.

O Cal faz um som forte de sorvo, como que a recordar-nos da sua presença.

— Também estou interessado em saber como tudo isto se vai desenrolar. O pai vai ficar encantado com o fracasso do noivado do Declan.

Oh, meu Deus. Embora o pai não saiba da carta do Brady Kane para o Declan com os pormenores dos requisitos para a herança, ele não é estúpido. Afinal de contas, por alguma razão é um empresário de sucesso. Não tenho dúvidas de que, se ele se aperceber do mínimo indício de que este noivado é falso, irá a correr para o advogado do Brady. E, se o advogado acreditar nele, o Declan pode perder tudo.

Pensa, Iris. Pensa. Tento ligar para o número da Bethany mais uma vez, na esperança de que à terceira seja de vez. O correio de voz ouve-se, em alto e bom som, através do pequeno altifalante do telemóvel.

O Cal assobia antes de fazer um barulho de explosão.

— Este é o som do futuro do Declan a morrer.

— Não tens de ir a algum lado? A algum bar sórdido, talvez? — diz bruscamente o Declan.

— Porquê pagar pelo álcool quando posso bebê-lo à tua pala? — O Cal sorri enquanto balança a flute de champanhe no ar.

Tento abstrair-me deles enquanto considero as minhas opções.

O que podes fazer? Desistir de uma vez por todas?

Não, recuso-me a desistir agora. Não quando estou tão perto de ajudar o Declan a alcançar o seu objetivo.

Podias chamar a opção de reserva que tens, mas o Declan fê-la chorar...

— Sabes, a Iris é solteira. — O sorriso do Cal torna-se sinistro. — Ela poderia assumir o papel com naturalidade, já que ninguém te conhece melhor do que ela.

— Não — responde o Declan ríspidamente.

Espera.

Sim.

Eu!

Não é que eu tenha grande coisa a impedir-me de avançar como substituta. Sem namorado nem compromissos anteriores, eu poderia facilmente substituir a Bethany.

Lá por poderes, isso não significa que devas fazê-lo.

Bem, se não for eu, quem será? Estamos sem tempo e sem noivas adequadas.

Abro a boca, apenas para ser interrompida por um guincho da Tati, a organizadora de casamentos do Declan.

— Aí está! Estava a pensar para onde se teria escapulado o futuro marido — ecoa a voz esganiçada da Tati.

— Este tipo de diversão não tem preço. — O Cal esvazia o meu copo antes de se encostar à mesa com um sorriso.

— Onde está a noiva de quem ouvi falar tão pouco? — A Tati agita a prancheta como se fosse uma varinha mágica.

Ainda bem que ocultei a identidade da Bethany para o caso de algo assim acontecer.

Não podes estar a pensar seriamente em casar com ele. Nem sequer o amas.

Eu não preciso de amá-lo. É um contrato, não é um casamento por amor.

O Declan interrompe os meus pensamentos:

— Beatr...

— O nome dela é *Tati*, querido. — Pressiono a minha mão contra o peito dele. O seu corpo fica rígido, e eu dou-lhe outra palmadinha de uma maneira que diz *age naturalmente*.

As suas sobrancelhas escuras unem-se enquanto ele olha para a minha mão como se quisesse arrancá-la dedo a dedo.

— O que estás a fazer? — As suas palavras saem suficientemente afiadas para apunhalarem o meu exterior perfeitamente trabalhado.

— A poupar-te o trabalho de teres de me apresentar e explicar a nossa história. — Lanço-lhe o sorriso mais doce que consigo, dadas as circunstâncias.

Vais mesmo fazer isto, Iris? — diz a voz da razão.

Não vejo aqui grande opção.

Isto é um casamento! Não é uma coisa de que possas desistir quando ficares com medo.

Bloqueio todos os pensamentos que contrariam o meu plano. São apenas uns quantos anos da minha vida.

Então e ter um filho?!

Bem, eu sempre quis ser mãe.

Sim. Daqui a cinco anos!

Pelo menos posso começar o meu plano cinco anos um pouco antes do previsto.

Engulo o nó que tenho na garganta e viro novamente a minha atenção para a Tati. Deixo o abraço rígido do Declan antes de lhe agarrar a mão. Os músculos retesam-se debaixo do seu fato, contraindo-se visivelmente sob o tecido do casaco.

Fantástico. Depois teremos de trabalhar na aversão dele ao teu toque.

— Tati, não fui completamente sincera consigo quando falámos ao telefone. O sorriso dela enfraquece.

— Oh.

— Hesitei um pouco em apresentar-me como outra coisa que não a assistente do Declan antes de a conhecer pessoalmente. Sabe, é que eu já trabalho há algum tempo na Kane Company, e imagina a facilidade com que os rumores se espalham.

Ela acena com a cabeça enquanto aperta a prancheta contra o peito.

— Claro. Eu entendo.

— Eu estava com tanto medo do que as pessoas podiam pensar de eu namorar com o meu chefe, mas já não podemos mais escondê-lo. Não *queremos* escondê-lo. — A minha voz prende-se sem que eu tente fazê-lo.

O único sinal de angústia por parte do Declan é a maneira como ele pestaneja para mim duas vezes. Eu *nunca* o vi pestanejar duas vezes. Nem quando um negócio em que ele estava a trabalhar há dois anos foi ao ar nem, decididamente, quando o avô morreu.

Faz-me sentir... desconcertada.

Endireito as costas e viro-me para a Tati.

— Estamos prontos para avançar com o nosso futuro. Não há motivo para continuarmos a manter o nosso amor secreto.

O Cal levanta os dois polegares atrás das costas da Tati. *Digno de um Óscar*, diz só com os lábios antes de fazer o Declan sorrir, espetando os dois dedos do meio.

Todo o rosto da Tati se ilumina quando ela toma as nossas mãos.

— Uau! Então, esta noite deve ser muito importante para vocês os dois, por várias razões. — Os seus olhos descem para o meu dedo anular despedido.

— Ah, pois. O anel! — Desvio os olhos para o rosto do Declan.

O tique no seu maxilar está lá para todos verem.

Desculpa, Declan, estou a salvar-te de destruíres todo o teu futuro, mesmo que neste momento não pareça.

O Declan arranca a mão da minha. Saca de um anel de platina com um belo diamante solitário do bolso. Fico algo surpreendida com o anel elegante. Não é nada parecido com a monstruosidade ímpia que escolhi para a sua futura esposa, o que só me confunde. Será que ele trouxe o anel errado da loja? Eu sabia que não devia ter-lhe confiado algo tão importante, mas ele insistiu.

A Tati ergue uma sobrancelha numa pergunta muda, puxando-me de volta para o momento presente.

— Pedi ao Declan que o guardasse, já que precisamos de redimensioná-lo. Esta maldita coisa voou do meu dedo no momento em que me lancei nos seus braços depois de ele me ter pedido em casamento.

— Oh, não! — A Tati faz beicinho.

O Cal desliza para o campo de visão da Tati.

— Eu disse ao meu irmão que era má ideia fazer o pedido de casamento no meio de uma tempestade, mas ele insistiu que era o momento perfeito porque a Iris adora tempestades.

— Nunca vi ninguém ajoelhar-se tão depressa como ele. — Pisco o olho à Tati e ela cora.

A carranca do Declan torna-se mais pronunciada, o que só me faz rir.

— O homem quase rasgou as calças *Tom Ford* ao meio enquanto ia atrás daquele anel. O meu irmão nunca tinha entrado em pânico daquela maneira, portanto, ainda bem que o encontrou antes de ter caído numa sarjeta. — O Cal poussa o braço em torno do ombro do Declan, que prontamente o empurra.

— Gravou isso tudo em vídeo? Eu adorava mostrá-lo aos convidados! — diz a Tati, radiante.

Sinto a parte de trás do pescoço aquecer.

— Oh, não. O pedido de casamento do Declan foi um impulso do momento. Foi *tão* romântico... — Inspiro quando o diabo me agarra a mão esquerda e fico com pele de galinha. Ele passa o dedo pela minha pele ao mesmo tempo que arrasta o anel pelo meu dedo acima.

— Ah, olhem! Afinal serve! — A Tati bate palmas. Juro que ela só tem duas configurações de volume: alto e de furar os tímpanos.

— Ele deve ter arranjado tempo na sua agenda tão cheia para finalmente o mandar redimensionar. — Sinto as bochechas a aquecer.

O Declan puxa o anel uma vez, para ver se ele não cai, e enfia a mão no bolso.

Passo o dedo pelo diamante e dou um puxão ao anel. Ele nem se mexe. Aclaro a garganta e forço um sorriso.

— Acho que está preso.

Quem diria que a Bethany tinha um dedo mais pequeno do que o meu. Vou ter algum golpe de sorte hoje à noite?

— Em vários sentidos. — A sua voz baixa o suficiente para que apenas eu a ouça. Há algo nela que me provoca outro calafrio. Ele afasta-se e eu respiro fundo.

Ajeita o casaco.

— Está na hora de começar o espetáculo.

Um espetáculo. Nada mais, nada menos. Um casamento falso destinado a salvar o meu chefe de perder tudo por que trabalhou a vida inteira.

Este pensamento faz com que uma nova onda de pânico me atravesse, muito mais forte do que nunca. Tento dizer a mim própria que é apenas um casamento no papel, mas nada parece abrandar o batimento rápido do meu coração.

O olhar do Declan fixa-se no meu, como se pudesse sentir a minha ansiedade crescente. A minha realidade instala-se como uma queimadura solar feia e a minha capacidade de respirar vai-se tornando progressivamente mais difícil a cada segundo que passa.

Acabei de me oferecer para ajudar o Declan — para o bem ou para o mal.

Até que a morte nos separe.



CAPÍTULO DOIS

Declan

— *G*ostaria de um momento para falar com a minha *noiva* em privado.
— As palavras raspam na minha língua como uma lixa.

Os olhos da Iris estabelecem ligação com os meus. Abrem-se mais antes de passarem para o Cal num pedido silencioso de ajuda. Embora a sua capacidade de me ler como se fosse um polígrafo a torne eficaz no seu trabalho, neste momento não passa de um inconveniente.

O Cal abre a boca. Seja qual for a expressão que lhe dirijo, faz com que recue lentamente.

— Vejo-os aos dois lá dentro. — Faz uma continência desleixada a Iris antes de entrar no salão de baile.

A organizadora de casamentos verifica a hora no relógio.

— Volto daqui a cinco minutos para vos apanhar. Não me desapareçam outra vez. — Pisca o olho antes de entrar na cozinha.

O coração bate-me rapidamente no peito e eu tento respirar fundo três vezes para fazê-lo abrandar.

Tu disseste-lhe para ela arranjar alguém com um cromossoma XX e a capacidade de procriar. És o único culpado aqui.

Já não há volta a dar. Nunca pensei que a Iris recorreria a este tipo de plano sem me perguntar se eu concordaria. É uma péssima ideia que põe em risco tudo o que construímos juntos ao longo dos anos.

Acalma-te.

Um... Dois...

Que se lixe.

— Mas que raio é que te passou pela cabeça?

A Iris nem sequer se eriça com o meu tom, embora comprima os lábios carnudos com desagrado.

— Passou que te estou a salvar o couro, só isso.

— Não estou a ver que assim seja.

— Queres que te marque um exame oftalmológico? Dizem que a visão piora com a idade. — A sua piada habitual por eu ser doze anos mais velho do que ela cai por terra.

Estreito os olhos até serem meras fendas.

— Não me ponhas à prova.

— E tu não te atrevas a olhar assim para mim. — Põe a mão castanha na anca, numa pose de batalha. O diamante que tem no dedo sobressai contra a pele mais escura, chamando a minha atenção para ele. — Se eu não interviesse, terias de explicar a uma sala cheia com uma centena de convidados por que razão não há noiva de faces rosadas. O que dirias a todos? Que ela se perdeu no correio?

— Não. — Cerro os dentes. — Se bem que, neste momento, uma noiva por encomenda me pareça uma alternativa melhor.

Os seus olhos escuros quase *cintilam*.

— Aceita. Ficaste sem tempo e sem opções.

— Claramente. — Lanço-lhe uma olhadela rápida.

Algo dardeja atrás dos seus olhos e depois desaparece. Ela levanta o queixo ao de leve, num gesto de desafio, enquanto me olha diretamente nos olhos.

— Sabes fazer uma rapariga sentir-se especial.

— Especial é a última palavra que eu usaria para te descrever. — Parece genérica de mais para alguém como ela.

Ela solta um resmungo e lança as mãos ao ar.

— Não sei porque achei que isto era uma boa ideia.

— Já somos dois. Qual é exatamente o teu motivo para isto?

— Gosto de ti o suficiente para querer salvar-te de ti próprio. Tenho a certeza de que deve ser um desequilíbrio químico qualquer, portanto, o meu terapeuta vai saber disto tudo na segunda-feira.

Pestanejo para ela.

— Não me digas que te casas comigo por bondade?

As sobrancelhas escuras da Iris unem-se e ela cresce em altura.

— E se for?

— Deixa-te de cenas. Essas ideias só existem nos filmes do Dreamland.

Ela entreabre os lábios.

— Não é teatro, embora a tua reação me faça desejar que fosse.

Há algo nisto tudo que não bate certo. Porque é que a Iris de repente se haveria de oferecer para casar comigo, depois de meses à procura de uma candidata perfeita?

Porque não queria ver-te casar com outra pessoa, diz uma vozinha ínfima na minha cabeça.

Ela não podia... Não. De maneira nenhuma.

Ou será que sim?

Isso poderia explicar o seu comportamento errático. Sigo o seu olhar e deparo com ela a fitar fixamente o anel de noivado. Passa o dedo devagar pelo rebordo redondo do diamante. Atrevo-me a dizer *com reverência*.

Oh, porra.

Atração é uma coisa. Paixão é todo um outro jogo mortal completamente diferente, que não tenho interesse em jogar tão cedo.

Os meus molares esmagam-se uns aos outros.

— Estás a fazer tudo isto por estares secretamente apaixonada por mim?

— As palavras saem-me da boca à pressa. O meu coração bate-me com força na caixa torácica, a lutar por uma saída.

Ela ter sentimentos fortes por mim além de indiferença não é algo que eu tenha tido em consideração. Que raio, eu nunca *quis* sequer pensar nisso por uma centena de razões, mas acima de tudo porque ela é a melhor assistente que eu já tive. Perdê-la não é uma opção para mim. Especialmente porque ela é uma parte essencial do meu plano para assumir a posição do meu pai.

A ideia estilhaça-se em mil e um pedaços quando a Iris se dobra sobre si própria e solta a gargalhada mais odiosa. Nos três anos que passei na presença

dela, nunca vi uma fissura na sua sanidade mental. Quem diria que bastaria ter o meu anel no dedo para se desencadear um colapso completo?

Ela estende a mão para se firmar e agarra-se à primeira coisa ao alcance do seu braço, que por acaso sou eu. Todos os músculos do meu corpo se comprimem e o calor viaja pelo meu braço acima como se eu estivesse a ser consumido por chamas. Fico direito como um espeto enquanto a gargalhada dela se transforma num chiado asmático.

Em vez de me sentir aliviado, fico um pouco desanimado com a reação dela. O meu estômago embrulha-se perante o seu desdém em amar-me.

Nunca serás digno de amor. A voz do meu pai serpenteia pela minha cabeça nos momentos mais inconvenientes, causando um arrepio na minha pele.

Retiro-lhe os dedos do meu bíceps, um por um.

— Estás a atravessar alguma crise?

— Não, palerma. E não estou apaixonada por ti. — Ri-se de novo, fazendo o chiado mais horrendo sempre que inspira. — Estou a fazer isto porque somos amigos.

— Eu nunca serei teu amigo. — *E nunca quererei ser.*

Os lábios dela contraem-se numa carranca.

— Mentiroso. Os amigos ajudam-se uns aos outros quando estão doentes.

— Não faço ideia do que estás a falar.

— Lembras-te de quando tive gripe?

Cruzo os braços.

— Ainda não estou totalmente convencido de que assim foi.

— Então *lembras-te!* — A gargalhada dela transforma-se numa tosse rouca.

— Só me lembro porque tive de contratar uma equipa de limpeza para assegurar que cada centímetro quadrado era esfregado.

— Está bem. E daquela vez que te ajudei quando te embebedaste numa viagem de negócios?

— Nunca quis a tua ajuda.

— Estavas a tropeçar nos próprios pés e a pedir-me que te apresentasse à minha gémea, que não sabias que eu tinha.

A minha tolerância à vodca equipara-se à minha tolerância às pessoas — é inexistente.

— És muito mais simpático bêbedo. Pediste-me que te metesse na cama e te cantasse uma canção de embalar.

— Agora sei que estás a mentir. És das piores cantoras que conheço. — Os meus lábios ameaçam curvar-se num sorriso, mas fico-me antes por uma careta.

Ela lança as mãos ao ar.

— *OK*, tudo bem. Menti. Mas eu não teria dito não se mo tivesses pedido! Porque os amigos ajudam os amigos.

Estou tentado a pagar qualquer preço para que a palavra *amigos* seja apagada de todos os dicionários. Eu não os tenho. Eu não os quero. E não quero sê-lo, especialmente dela.

A sua gargalhada rouca transforma-se num ataque de tosse. Antes que consiga parar, pego na malinha dela, que está em cima da mesa, e enfio-lha nas mãos.

— Trata desse ruído tenebroso.

Ela passa a mala a pente fino à procura do inalador.

— Preocupado com o meu bem-estar?

— Meramente com um intuito egoísta.

— Claro. Como poderia eu esquecer isso. — Ela sorri em redor da abertura da bombinha antes de aspirar a medicação.

— Vamos lá esclarecer algumas coisas.

Ela une as sobrancelhas e entreabre os lábios, mas eu calo-a.

— Qualquer bondade que te tenha demonstrado no passado é estritamente por respeito a ti como minha assistente. Eu não perco tempo em algo tão inútil como a amizade, portanto, se achas que existia alguma coisa platónica entre nós, é lá contigo, não comigo.

Ao contrário da maior parte das mulheres, que choram na minha presença, a Iris limita-se a encolher os ombros face à minha aspereza.

— Que tolice da minha parte acreditar que podias de facto nutrir por alguma pessoa outros sentimentos além do desdém. Garanto que não volta a acontecer.

— Eu não sinto nada além de um desejo ardente de alcançar o meu objetivo final.

Ela suspira.

— A vida é mais do que a destruição do teu pai.

Ignoro-a enquanto verifico o relógio, observando que estamos a ficar sem tempo.

— Preciso de estabelecer algumas regras básicas desde já.

— Regras. — Arregala os olhos até ao limite.

— Cada olhar. — O batimento instável do meu coração inunda-me os ouvidos. A respiração prende-se-lhe na garganta quando lhe seguro a face com a minha mão. Acaricio-lhe a pele macia com o polegar, para a frente e para trás como se pudesse marcar o meu nome apenas com o toque. — Cada toque.

A Iris fecha os olhos. Cada célula do meu corpo arde para que me retraia. Para que coloque alguma distância entre nós, porque eu não deveria tocá-la assim. Turva muitas fronteiras. Mas torno-me inútil ao inspirar o seu aroma de coco e os meus pulmões protestam contra a invasão.

— Cada beijo... não passa de uma mentira. — Roço os lábios pelo canto da sua boca e o meu corpo parece ter sido atingido por cabos de arranque.

Ela abre bruscamente os olhos quando me afasto e é evidente que uma tempestade ganha forma na sua cabeça. Enfio as mãos nos bolsos, com um ar imperturbável, enquanto o peito dela sobe e depois desce a cada respiração irregular que liberta.

— Tu... eu... o que... — O seu discurso é tão confuso como os seus pensamentos. Eu devia sentir-me lisonjeado com a minha aptidão para a incapacitar, mas, acima de tudo, isto desorienta-me. O meu toque não devia causar este tipo de reação. Isto se ela foi sincera quando disse que só estava a fazer isto porque me considera um *amigo*.

Procuo ganhar novamente controlo sobre a situação. Colocar algo que se assemelhe a uma barreira em meu redor.

— Não há nada que eu não faça para receber a minha herança. Lembra-te disso quando te esqueceres de que, para mim, isto é apenas um jogo.

Ela abre a boca, mas é interrompida por aquela voz estridente que me assombrará para sempre.

— Muito bem, vocês os dois. Os convidados estão a ficar ansiosos por conhecer os futuros Senhor e Senhora. — A organizadora de casamentos interrompe-nos. Aponta com a prancheta para a entrada do salão de baile como um comandante militar.

— Estás pronto? — A Iris agarra-se à minha mão. O seu sorriso é uma versão diluída daquele que ofereceu antes ao Cal.

Eu permaneço em silêncio, sabendo que qualquer coisa que saia da minha boca será apenas uma mentira.